

ROTHA

Cultural

**Jornalismo para preservar
histórias, memórias e identidades**

Edição nº 16 - Fevereiro 2025

**Carnaval é a alegria
contra a opressão**



Carnaval:

A alegria e o riso como resistência

(*) Erivelton Braz

"Não tem nada mais sério neste mundo do que os rituais nazistas e fascistas. Absolutamente é sincronizado, aquela massa humana funcionando como engrenagem de guerra. O carnaval é exatamente o oposto. O fascista não aguenta o riso". Roberto da Mata

O Brasil é o país do Carnaval, abençoado por Deus e bonito por natureza. O Carnaval é uma das maiores expressões culturais deste país. É preciso se permitir e acreditar na alegria que essa época do ano traz. Afinal, em uma sociedade marcada por desigualdades, opressões e violências, as palavras do antropólogo Roberto DaMatta ressoam como um lembrete de que há formas de resistência que não podem ser subestimadas: a alegria e o riso dos marginalizados. Essas expressões se constituem em poderosos instrumentos de afirmação da dignidade humana diante daqueles que tentam silenciar e subjugar.

Em um país como o Brasil, onde a história de exclusão social é profunda e contínua, DaMatta aponta que não há nada mais potente do que a capacidade dos grupos marginalizados – seja por raça, classe social ou gênero – de resistirem por meio do riso. A gargalhada é uma arma potente. Não se trata de um riso que ignora a dor, mas de um riso que ressignifica essa dor, tornando-se um espaço de afirmação e autonomia. É uma risada que se ergue contra o abuso, que transcende os limites do sofrimento imposto e que, de alguma forma, desafia as estruturas de poder.

O Carnaval, neste sentido, é uma forma de lutar contra as opressões. Ele tem uma função muito mais

profunda e simbólica: o riso dos oprimidos quebra a narrativa daqueles que desejam silenciá-los, que veem no controle e na imposição de regras a única forma de governar. Quando alguém marginalizado ri, ele afirma sua humanidade, sua capacidade de se reinventar e de não se submeter à lógica do opressor.

O riso, então, se torna um ato de subversão. Em muitas culturas, é possível observar que as figuras de autoridade são desafiadas pela irreverência popular. O riso de um palhaço, o clown do teatro, de um comediante ou mesmo de uma simples piada popular pode funcionar como um alívio, mas também como uma forma de dizer "eu resisto". Não é por acaso que regimes autoritários têm medo do humor e da sátira. Eles sabem que por trás do deboche, existe uma crítica profunda e uma forma de subversão. Por isso, é tão necessário sorrir. E o Carnaval chega para mudar e dar novos sentidos para a nossa nem sempre feliz realidade.

Assim, a mensagem de DaMatta é clara: quando se aproveita o Carnaval para protestar e rir na cara dos carretas, usando a alegria para afirmar, que "estamos vivos ainda", a opressão não consegue silenciar. E essa resistência carnavalesca não é silenciosa ou sombria. Ao contrário, é vibrante, cheia de cor e glitter.

Mais um carnaval vem aí, graças a Deus. A alegria dos blocos, as baterias de escolas de samba, o povo na rua cantando, é um grito contra as opressões. Sobretudo, as provocadas por quem é contra essa força gigantesca da cultura popular. Apesar dos pesares, em toda a sua essência transgressora, o carnaval triunfa. "Agoniza, mas não morre". E é preciso ficar atento e não perder o que a

festa tem de melhor: a irreverência, a capacidade de falar de temas difíceis de forma alegre e em protesto, além da união para elaborar sentidos de mundo e a confraternização.

Portanto, a alegria foliã, repleta de risos, como argumenta Roberto DaMatta, não é mera reação ao sofrimento. Ela é, de fato, um ato de coragem. A partir dela, sobrevivemos o ano inteiro.



(*) Erivelton Braz é jornalista, escritor e criador do Rotha Cultural

modo carnaval
ATIVADO!

ON

ESQUENTA
MONLÉ 2025

PRÉ-CARNAVAL

DIAS 22 e 23 FEV . PRAÇA DO POVO

Muita diversão e alegria!
TÁ PREPARADO?

- Matinê
- Shows
- Concurso de Fantasias
- Blocos

Confira a
programação
completa aqui:

CASA DE
CULTURA
de João Monlevade

PREFEITURA DE
JOÃO
MONLEVADE
ADMINISTRAÇÃO 2025 - 2028

EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA
Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br
CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Marcos Martino
Regiane Aparecida Ferreira

Esquenta Monlé: Vem pra rua e se joga na folia!

João Monlevade se agita neste fim de semana

Sérgio Henrique/ Acom PMJM



A Praça é do Povo e recebe os blocos no Esquenta Monlé

João Monlevade se agita neste fim de semana com mais uma edição do Pré-Carnaval Esquenta Monlé. O clima da festa mais popular do Brasil toma conta da cidade. Nos dias 22 e 23, a região central vibra com a folia.

Com uma programação vasta, o Esquenta Monlé será o lugar onde a animação vai reinar, com muita música, blocos de rua e uma verdadeira explosão de ritmos musicais. No sábado (22), os foliões podem esperar blocos e atrações para todos os gostos. O evento contará com performances de DJ's, marchinhas e a presença marcante dos blocos que já se tornaram tradicionais na cidade. No domingo (23), o esquenta vai continuar com ainda mais intensidade, com blocos animados e uma verdadeira festa para quem não quer perder nenhum segundo da diversão.

Com opções de blocos para todos os horários, o evento começa cedo e vai até a noite, proporcionando uma experiência completa para quem deseja curtir a festa.

PROGRAME-SE:

A programação terá início às 12h do sábado (22), com a concentração do Bloco "Tomando Rumor" na Praça Domingos Silvério, com bateria e DJ.

A partir de 14h, será a vez dos blo-

cos "Tineca", com concentração na praça do Lindinho, ao som de banda e marchinhas e "Bloco Bregazia", na Rua Sayonara, ao som de banda. Ainda no sábado, às 18h, o bloco "Tambores do Morro" iniciará a concentração na Praça do Lindinho, ao som da já conhecida e animada bateria.

Todos os blocos irão para a Praça do Povo onde, a partir de 20h30, terá apresentação da Babadan Banda de Rua e, a partir de 22h, o Bloco Funk You.

No domingo (23), a festa continua. As concentrações começam às 12h, com o bloco "Du Rolê", na praça Domingos Silvério, ao som de pagode e o bloco "Parei de Beber" na praça do Lindinho, ao som de DJ's. Como no sábado, todos os blocos seguem para a Praça do Povo.

A partir de 14h, na Praça Pio XI, é a vez do bloco "Sapeca Iaiá" ao som de bateria e às 14h30 o bloco "Sem Pecado e Sem Juízo" ao som de banda.

Já o "Bloco da Saudade" é o único estático e estará de 10h às 16h, na Praça Onofre Newton Ambrósio, na Castelo Branco, ao som de Bandas de Marchinha e de Axé.

Mais tarde, a partir das 20h30, o bloco "Swing Safado" fará sua apresentação na Praça do Povo, enverrando o evento.

Confira a agenda:

SÁBADO (22)

Bloco Tomando Rumor – 12h às 16h20

Bloco Tineca – 14h às 17h30

Bloco Bregazia – 14h às 17h30

Bloco Tambores do Morro – 18h às 19h

Babadan Banda de Rua – 20h30 às 22h

Bloco Funk You – 22h às 0h

DOMINGO (23)

Bloco Sapeca Iaiá – 14h às 14h30

Bloco Du Rolê – 12h às 15h

Bloco Sem Pecado e Sem Juízo – 14h30 às 16h30

Bloco Parei de Beber – 12h às 17h

Bloco da Saudade – 10h às 16h30

Bloco Swing Safado – 20h30 às 22h

A Prefeitura não é dona do Carnaval

(*) Marcos Martino

T

enho lembranças de criança, das matinês nos clubes. Minha diversão era juntar serpentina e confete, que o povo jogava para cima. Tenho de concordar que os confetes são pedacinhos de felicidade. Lembro-me dos carnavais antigos. Havia muitos mascarados pelas ruas. Era realmente um teatro vivo. Com minha imaginação de menino, morria de medo.

Lembro-me de um sujeito que se vestiu de morte, com sua foice e uma cara feia de velha bruxa. Lembro-me também de outro que saiu no carnaval vestido de astronauta. Não sei como, mas ele arrumou uma roupa idêntica aos astronautas que foram à Lua. Tinha inclusive a bandeirinha americana. Apenas o tubo de oxigênio ia cheio de cachaça até o capacete e tinha um furinho até a boca. Mas era bem caracterizado. Lembro-me também de Bastião de Olga, um senhor que sempre fazia paródias políticas muito engraçadas. E tinha aquele tanto de homens que se vestiam de mulher. Freud explica.

Devo confessar que invejo um pessoal mais antigo. Invejo o tempo das marchinhas. Imagino como deve ter sido mágico e musical o tempo das marchas ranchos- melódicas e poéticas, quando pierrôs e colombinas preenchiam nosso imaginário: As Pastorinhas, Bandeira Branca e “Me dá um Dinheiro Aí”. Eram tempos de inocência. Em Alvinópolis tinha compositores maravilhosos que imortalizaram duas marchinhas que ficaram incrustadas na mente de qualquer Alvinopolense. Pouquíssimos alvinopolenses raízes não sabem cantar BAMBAS DO GASPAR e ADEUS MARINHA.

Desconheço se na região existem músicas temáticas tão fortes quando essas duas da cultura de Alvinópolis. Os carnavais gravitavam em torno dos clubes, que fazia lindos desfiles e bailes muito concorridos. Era quando rolavam as paqueras. Os bailes eram embalados pelos músicos da banda local. Tocavam cinco noites direto e ganhavam um dinheirinho bom. E tocavam com alma, com uma garra impressionante.

As meninas iam para o clube maquiadas, lindas, às vezes descalças. Os homens de shorts, ficavam atrás do trenzinho que se formavam, para ver se a menina da frente deixava ele colocar a mão em sua cintura. E o povo ia tomando cerveja, rodando, quando a menina gostava, rolava uns beijinhos e amassos. E a furiosa tocando. Na década de 80 surgiu um bloco incrível. O

BAG: Bloco Animadores do Gaspar. Um exército de batuqueiros que tocava com uma garra e disciplina impressionantes. Arrastava uma multidão imensa, formigueiro humano.

E vieram as décadas seguintes. Os políticos viram potencial naquele evento cheio de gente. Começaram a bancar trios elétricos e shows em praça pública com bandas de axé e pagode. Sempre meninas sensuais, garotos reboletes e o locutor falando o nome do prefeito 50 vezes por noite. “Ê prefeítão batuta. Esse gosta de festa”. E se você pesquisar, percebe que realmente o povo gosta dos festeiros. E pintaram mais duas novidades interessantes no Carnalvipa.

O bloco Piratas, uma novidade desconcertante. Não tinha banda tocando. Apenas vários carros de som, cada um tocando um estilo diferente e o povo atrás. Para quem gosta de funk, tinha funk. Para quem gosta de samba, também tinha. Quem gosta de axé, também. E tudo isso acompanhado por um caminhão tanque jogando água no povo e um mar de cerveja em volta. Resultado: gente, gente e mais gente atrás. E outra novidade foi a Bateria Colibri, investimento cultural e social da Fundação Bio Extratus. A BIO EXTRATUS, além de cosméticos, tá exportando música.

Mas aí veio 2025 e muita polêmica. A Prefeitura, passando por uma crise sem precedentes, resolveu não investir no carnaval. Mas será que Prefeitura precisa investir mesmo? Porque até pouco tempo atrás, as prefeituras não participavam. Quem fazia eram os clubes e o povo.

A Prefeitura explicou que não está proibindo o carnaval. A Prefeitura não é dona do carnaval. Só não vai investir esse ano como os prefeitos anteriores vinham fazendo. O novo prefeito está focado no objetivo de estruturar a cidade para resolver os problemas emergenciais e para que volte a ter capacidade de investimentos. Eu apostei nesse novo governo e continuo acreditando. Me cobraram que fosse crítico com relação ao carnaval, pois, em anos anteriores, me expressei, cobrando de um outro prefeito.

Naquela ocasião eu falei a mesma coisa de hoje. Que se a Prefeitura não fizesse, o povo poderia criar seus blocos, aproveitar nos bares e clubes. Afinal de contas, o espírito folião está dentro de nós. Torço para que nos próximos anos tenhamos muitos motivos pra fazer festa.



(*) Marcos Martino é alvinopolense, ativista cultural e compositor



Em Milão, cidade onde vivem, os artistas gravaram o single que faz dançar com muito balaço afro-caribenho

Single 'Kelelê' celebra a vida e culturas de matriz africana

Canção dos monlevadenses Wir Caetano e Toni Julio, em parceria com músico congolês já está disponível em mais de 100 plataformas de streaming

Em uma fusão única de ritmos e tradições, Kelelê, o primeiro single do projeto Migrações/Migrazioni, já está nas plataformas de streaming. Com ritmo dançante, a canção remete à beleza e à energia de culturas de matriz africana e traz muito balanço afro-caribenho com palavras em língua africana kikongo, quimbundo e em português.

O lançamento é parte do projeto "Migrações/Migrazioni", idealizado no ano passado pelos monlevadenses, o músico Toni Júlio (que mora na Itália) e o compositor-letrista e jornalista Wir Caetano. Os dois são autores da letra de "Kelelê" em português, parceria com o músico africano Donat Munzila, da República Democrática do Congo (RDC) e imigrante na Itália há décadas. Ele compôs os versos em kikongo.

A canção foi gravada pelo Trio Migrazioni, formado pelo cantor Toni Júlio, pelo baiano Kal dos Santos (percussão), e por Davide Perduca (violão), de Milão, cidade onde vivem todos os três artistas.

Kelelê é um convite para ouvir, dançar e, acima de tudo, celebrar a vida e o encontro entre povos e culturas através da música. O single traz à tona a riqueza de uma parceria multicultural, destacando o poder da música como linguagem universal. O resultado é uma peça cheia de

energia e profundidade, com nuances rítmicas e melódicas que são tanto inovadoras quanto reverentes às tradições que as originam.

AFETO E ALEGRIA

"Kelelê" é um zouk, ritmo afro-caribenho. A palavra que dá título à canção é expressão que comunidades tradicionais da República Democrática do Congo gritam festivamente quando nascem crianças, principalmente, se forem gêmeas. O termo tem também o sentido de "barulho" em suaíli, uma das línguas faladas naquele país. Segundo Wir Caetano, "barulho", no caso da canção, foi interpretado como vibração.

Os versos em kikongo falam de festa e glorificação da vida. A letra em português, além de afeto, amor e energia, celebra ícones e valores da cultura afro-brasileira. "Me jogou no zouk / joguei a preta no jongo / (...) / eu joguei na língua dela um bem / ela me jogou milongo", diz parte da canção. "Milongo" é "remédio" ou "cura" em quimbundo, falado principalmente em Angola.

Temperando os versos e o ritmo, estão as vozes principais de Donat Munzila e Toni Julio, que também integram o coro composto ainda pelo baiano Kal dos Santos, sua filha Clara Luna, Priscila Gama e Davide Perduca. Já os timbres instrumentais ficam por conta de Donat (baixo, congas,

maracas); Davide (violão); e Kal (tan-tan, reco-reco, apito). Todas as etapas da gravação foram feitas no Marte Recording Studio, em Milão.

A música, que, além das plataformas de streaming, já pode ser ouvida em algumas rádios de Monlevade, será também executada no Pré-Carnaval de João Monlevade, no carro de som do Bloco Tineca, no sábado dia 22. Já no dia 3 de março, no Carnaval de Belo Horizonte, será a vez do bloco Sou Vermelho animar sua concentração com "Kelelê".

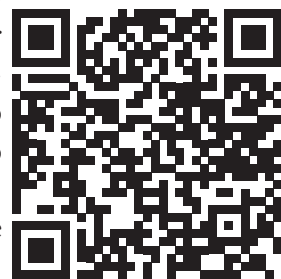
CULTURAS QUE MIGRAM

O projeto Migrações/Migrazioni tem por objetivo divulgar a produção musical de seus integrantes no Brasil e na Europa, valorizando culturas de matriz africana, tecidas ao longo de experiências migratórias forçadas ou voluntárias. Um álbum homônimo, que, além de "Kelelê", terá mais nove canções, com participação de convidados, é o principal produto planejado pelos artistas. Turnês e oficinas também estão entre as ações propostas.

Um total de oito faixas do álbum são composições de Wir Caetano com seu parceiro regular, Zecrinha, de Senhor do Bonfim, no sertão da Bahia. Uma parceria de Toni Julio com Kal dos Santos, além de outra do italiano Davide Perduca com sua namorada, a harpista pernambucana Priscila Gama, completam o trabalho.

A ideia de elaboração do projeto nasceu depois que, em agosto de 2023, Toni Julio e Wir Caetano produziram, no Real Esporte Clube, o show Migrações, quase completamente autoral, com grande sucesso. O fato de o cantor monlevadense ser imigrante na Itália, entrecruzado com a história da diáspora africana e a peculiaridade de seu trabalho envolver artistas de diferentes localidades, levou ao conceito e ao nome Migrações/Migrazioni. Para viabilizar a empreitada, uma campanha de financiamento coletivo foi lançada no ano passado.

Conheça o single acessando o QRCode:



João Monlevade recebe projeto cultural Conexão Urbana



Apresentação de street dance é uma das atrações do evento

Na sexta-feira (21), João Monlevade recebe uma grande celebração da cultura urbana com o Conexão Urbana, edição 2025. O even-

to gratuito e aberto ao público é organizado pela Festim, produtora responsável por movimentar a cena cultural em Itabira. A iniciativa tem apoio da Prefeitura

de João Monlevade por meio da Fundação Casa de Cultura.

Conforme os organizadores, a realização acontece na Praça do Povo, em Carnei-

rinhos, a partir das 18h. A programação é diversificada e cheia de energia, com o melhor do skate, do rap, da dança e da música, com atrações que reúnem a cultura hip-hop.

Segundo os organizadores, o Conexão Urbana 2025 promete ser uma noite inesquecível, reunindo skate, rap, dança e música, tudo no coração de João Monlevade. “O Conexão Urbana vem unir cada canto das ruas ao movimento hip-hop, fazendo um diálogo entre as histórias e expressões que fazem parte da cultura das cidades”, informam.

PROGRAMAÇÃO

A partir das 18h, o evento começa com o Game Plaza, um campeonato de skate que traz a energia do esporte para o coração de João Monlevade. O Game Plaza é um coletivo cultural dedicado a promover a cultura do skate na cidade, criando um ambiente inclusivo e acolhedor para atletas de todas as idades e níveis de habilidade.

Às 19h, a 53ª edição da Batalha da Fênix começa. A Batalha da Fênix é uma das maiores batalhas de rima de Itabira, conhecida por sempre trazer novos talentos e manter viva a tradição e cultura do hip-hop. Com um clima de respeito e competição acirrada, a batalha representa a essência do hip hop na sua forma mais pura. Quem guia os Beats da Batalha da Fênix é Dj Márcio.

Dj Márcio é Beatmaker e Dj desde 2014, especializado no Rap, derivados do gênero, e em música eletrônica, especificamente em DnB e dance comercial, além Dj turntablist que manipula sons com toca discos. Dj Márcio é uma das referências em Itabira, estando sempre presente nas Batalhas da Fênix e Festivais como: Arestas, Conexão Urbana, Circuito BDF e muitos outros.

Às 20h, será a vez de CESARWIL, MC, poeta, skatista e mestre de cerimônias, subir ao palco. Natural de João Monlevade, CESARWIL tem 19 anos de experiência no skate e mais de 15 anos na cena do rap. Iniciou sua jornada no skate em 2006 e se aproximou do rap em 2007, sendo um dos principais nomes da cena local e também integrante do grupo Barraco 32, um coletivo de rap que é referência em João Monlevade.

Às 21h, a apresentação é do Art & Move, grupo de dança fundado em 2022 em Itabira, que tem se destacado por suas performances de Hip Hop Dance. Sob a direção da coreógrafa

Karem Daynide, o grupo integra diferentes estilos do Hip Hop, como danças coreografadas e freestyle. O Art & Move reúne uma equipe diversificada de dançarinos, que se apresentam com energia e técnica, transmitindo a verdadeira essência da cultura urbana.

Às 22h, a festa ganha o comando do DJ Capone, um dos maiores nomes da cena de DJs da periferia. Com origem nas quebradas de Ribeirão das Neves, DJ Capone traz em seus sets toda a vivência da cultura periférica e black, que moldaram sua carreira. Além de DJ, ele também é mestre de cerimônias, Beatboxer e produtor de eventos.

O evento terá também a participação da TrashGang, grupo musical itabirano, liderado por Juca, Lil Fail e Pi, que promete encerrar a noite, a partir de 23h, incendiando o público com uma performance energética com o melhor do trap e rap, consolidando a cultura urbana.

A FESTIM:

A Festim, idealizada pelos artistas Juca e Jess, é uma produtora consolidada em Itabira, que tem desempenhado um papel crucial na promoção da cultura hip hop e das artes urbanas na região. A missão da Festim é tornar a arte acessível a todos, descentralizando a cultura e levando-a não só aos centros urbanos, mas também aos bairros periféricos.

Seja um influenciador da mudança!

Participe das reuniões da Câmara Municipal e contribua com o futuro da nossa cidade.

Quando? Todas as quartas-feiras, às 14h, a partir de 5 de fevereiro.

Como participar? Presencialmente ou online.

@camarajoaomonlevademg

@camarajoaomonlevade

Sua voz faz a diferença. Junte-se a nós!

ACOMPANHE AO VIVO

Seja um influenciador da mudança!

Participe das reuniões da Câmara Municipal e contribua com o futuro da nossa cidade.

Quando? Todas as quartas-feiras, às 14h, a partir de 5 de fevereiro.

Como participar? Presencialmente ou online.

@camarajoaomonlevademg

@camarajoaomonlevade

Sua voz faz a diferença. Junte-se a nós!

ACOMPANHE AO VIVO

Imani: A caminho do Quilombo da Pedra

Regiane A. Ferreira
9º lugar no Concurso 7 Faces

**Um conto sobre liberdade e
ancestralidade feminina
no território do Médio Piracicaba**

“Escrava fugida da Fazenda do Sol e de propriedade do francês João Antônio. Idade de 20 anos, baixa estatura e atende pelo nome de Imani. Sabe ler e escrever. Recompensa-se com cem mil reis. Tratar com o proprietário. São Miguel do Rio Piracicaba - 5 de outubro de 1840”.

Imani tinha acabado de ler o anúncio de sua fuga na folha amarelada que trazia outras notícias das minas e da siderurgia que despontava com o trabalho escravo de homens e mulheres vindos do Congo e de outros pontos da África. Com os punhos cerrados e marcados pelas correntes de aço dos constantes castigos do capitão do mato, Imani embolou a folha de jornal e continuou sua rota de fuga que estava arquitetada em sua mente.

Durante sua caminhada, quando tentava dormir à noite, o pesadelo sempre vinha na memória. Bastou uma viagem dos donos da fazenda para o capitão do mato açoitar as costas da jovem. Era divertido para ele ver a cor do sangue que escorria e caía no chão de terra. Certa vez, ela estava varrendo a varanda da fazenda quando ele a puxou para seus braços à força. Imani esticou as pernas e deu-lhe um golpe de capoeira o jogando ao chão. “Não mexe comigo não diabo”, disse a jovem que prometeu para si mesma que nunca mais isso aconteceria novamente.

A avó de Imani conseguiu fugir da Fazenda do Sol há algum tempo e a aguardava no quilombo que tinha uma pedra gigante em formato de baleia. Outros que foram recapturados explicaram em segredo a Imani o trajeto para se chegar nesse quilombo. Ela sabia que a melhor forma era ir no sentido contrário do Piracicaba e entrar depois na mata. O rio descia e ela subia, quase que numa forma de voltar às suas origens antes de atravessar o oceano naquele navio imundo. Caminhou por luas e se viu perdida na mata. Os pés já estavam rachados. Por vezes, deitava no chão e cobria o corpo com folhas para espantar o frio. Para se alimentar, comia algumas frutas e raízes que encontrava no caminho.

Adentrou na floresta tão profundamente que somente ouvia o barulho do vento nas folhas. Porém, uma melodia em vozes femininas a fez pa-

rar. Vieram ao seu encontro mulheres de cabelos lisos e pretos igual a graúna. A pele era morena e tinham penas enfeitando a pele nua. Os homens possuíam pedaços de madeiras inseridos nos lábios e nas orelhas. Já havia escutado sobre os indígenas que eram os guardiões da mata. Imani nunca havia visto um indígena, porém, ela não foi a primeira africana que eles conheceram. Muitos outros passaram pela mata.

Uma idosa com cabelos brancos e o corpo um pouco encurvado pelo tempo se aproximou. Algumas palavras da indígena foram bem interpretadas por Imani. A mulher aprendeu uma ou outra palavra em português quando foi escravizada por homens com roupas do Império que percorreram a região.

“Antigurân” - disse a mulher apontando os alimentos que chegavam das mãos das indígenas. Imani entendeu que ela perguntava se estava com fome e mostrava os alimentos que chegavam como mandioca, inhame e peixe na cuia. A idosa disse a Imani que homem branco não consegue entrar ali por causa da onça pintada. “Kuparak não deixa e come homem branco”. Foi a única vez que Imani viu o sorriso da idosa. O boato de que os indígenas comiam os adversários era por conta da onça que espantava os brancos que tentavam se aproximar da aldeia. Imani também riu. Mas também tinha medo de onça pintada.

A moça olhava para aquelas mulheres com curiosidade e admiração. Elas tinham lindos enfeites nos corpos e pintura na pele feitas com urucum e eram tão diferentes e tão iguais ao mesmo tempo, principalmente na luta em defesa dos seus. Os indígenas resistiam de todas as formas contra os invasores, mas sem dó ou piedade eles também foram sendo exterminados de seu chão ao longo do tempo.

Mesmo sem falarem a mesma língua, Imani e as mulheres da aldeia criaram laços de afeição. Mas Imani precisava achar o caminho para a pedra em formato de baleia e abraçar a avó que não via desde menina.

A idosa disse a Imani: “Watu está ali. Tem vida. A tacrúc é prá lá, há duas luas”. A jovem africana entendeu que Watu era o rio. Muito mais largo que

o Piracicaba que ela conhecia e tacrúc significava pedra. Assim, ela despediu do grupo e voltou para a trilha. “Axé”, disse acenando a mão. Imani já tinha o mapa para chegar à pedra em formato de baleia e caminhou por dois dias. Encontrou uma sapopema e descansou entre as raízes gigantes da árvore.

Já pela manhã e com os primeiros raios de sol, Imani acorda e decide subir na árvore para ver onde estava. “Oxalá. Estou perto.... Vejo a baleia, vejo a baleia...” Não se conteve e desceu em disparada para correr em direção à pedra. Ao longe um assobio dava sinal de que alguém estava próximo. Um atabaque se ouvia e vieram alguns homens com os facões em punho. Ao avistarem Imani, gritaram: “É gente nossa! É gente nossa!”. Com lágrimas nos olhos, ela viu pessoas trabalhando na lavoura, meninas dançando alegres. Parecia o paraíso que sonhara. Ajoelhou e agradeceu aos orixás.

Aproximou-se de Imani uma senhora idosa de roupa clara e pano colorido na cabeça. A velha que atendia pelo nome português de Maria Rita abraçou fortemente a jovem. Com lágrimas nos olhos e em meio ao som do atabaque e da dança do seu povo, a idosa segurou a face de Imani com as mãos e indagou com um sorriso de alegria: “Quem é o seu povo, minha filha?” E Imani, olhando cada um e cada uma do quilombo respondeu o que aprendera desde os tempos do outro lado do Atlântico: “Eu sou Nós, minha avó”.



(*) Regiane Aparecida Ferreira é jornalista de João Monlevade

Rio Piracicaba

Congado

Fé e

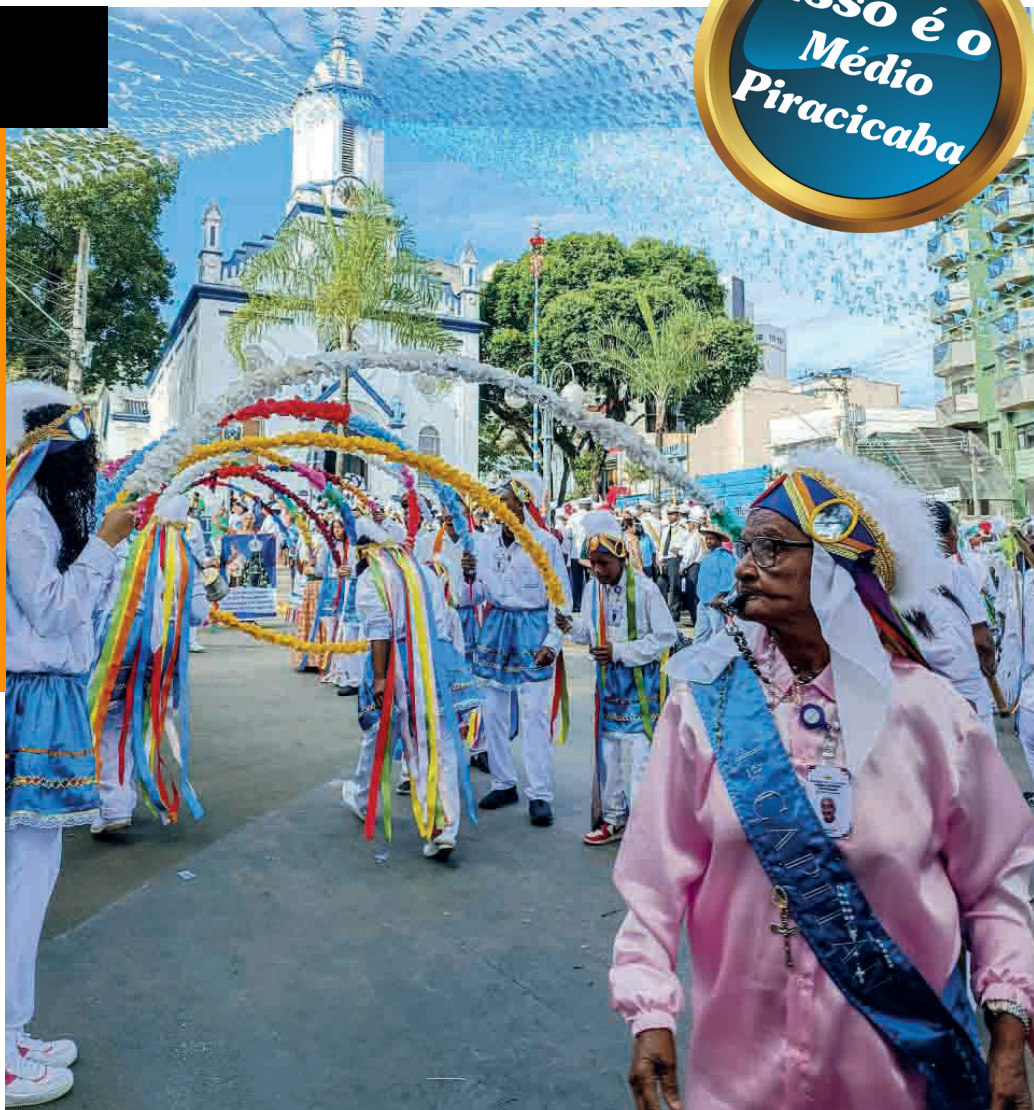
Tradição

Patrimônio
Imaterial ganha
novo fôlego com
liderança de
Rio Piracicaba



O Congado, manifestação cultural e religiosa brasileira, profundamente enraizada na história das cidades do Médio Piracicaba, segue firme na sua missão de preservação da memória e das tradições.

Recentemente, um importante capítulo da trajetória desse Patrimônio Imaterial de Minas, foi escrito com a eleição de Maria José Damásio, da Guarda de Congado de Rio Piracicaba, como



Fotos: Daniela Caldeira

nova presidente da Associação dos Congados da Microrregião do Médio Piracicaba.

A reunião, em Córrego São Miguel, contou com a participação de representantes das guardas de Congado de toda a região. Além da eleição, o encontro definiu estratégias para os próximos anos e discutiu a reforma do estatuto da entidade.

Com a posse de Maria José, a sede administrativa da Associação será transferida para Rio Piracicaba, consolidando ainda mais o papel do município na salvaguarda dessa tradição. A mudança representa não apenas um reconhecimento ao trabalho da nova presidente, mas também um impulso para

o fortalecimento do Congado como expressão cultural e religiosa da região.

ASSOCIAÇÃO

A Associação dos Congados tem como missão organizar o calendário anual de festividades e garantir a continuidade dos ritos e celebrações do Reinado. O Congado segue vivo graças ao compromisso de seus membros e ao apoio da comunidade.

A administração municipal de Rio Piracicaba celebrou a conquista e desejou sucesso à nova gestão, reforçando a importância da cultura e da religiosidade popular para a identidade da região.



Visite e conheça os patrimônios, histórias e memórias que fazem da região ser ainda mais especial.
Quer sugerir um local? Mande uma mensagem para o Rotha Cultural (31) 984841352!